

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO RURAL

Maria Inês Vidal (Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas) artevidal@yahoo.com.br
Luiz Alexandre Gonçalves Cunha (professor adjunto no Curso de Graduação em Geografia e nos programas de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas e Gestão do Território) llagc2@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa

GT07 – Cultura e Comunicação no Mundo Rural

Introdução

Este trabalho aborda as representações sociais e as percepções dos jovens entre 17 e 18 que vivem no campo na região do Sertão de Cima, Município de Jaguariaíva –PR. Buscou descobrir como esses sujeitos estão percebendo o meio em que vivem, as suas perspectivas futuras, seus projetos de vida, suas concepções de mundo, através desse conhecimento construído e compartilhado socialmente denominado de representações sociais.

O trabalho também abordou representações sociais da comunidade onde os jovens estão inseridos. Para desenvolver o trabalho com essa abordagem subjetiva, no qual implica o contato direto do pesquisador com o sujeito-objeto da sua pesquisa utilizou-se da pesquisa qualitativa, com entrevistas semi-estruturadas e questionários mistos. Essa metodologia possibilita a investigação das concepções de mundo, das percepções, dos valores e das ideologias dos sujeitos.

Contextualização da região de estudo

O Sertão de Cima está localizado a 22 Km da sede do Município, apresenta variados aspectos topográficos, desenvolvidos em função dos processos morfo-genéticos, exibindo desde topografia suave ondulada a montanhosa. O sistema de produção está relacionado as questões fisiográficas, na região encontra-se pequenos produtores que cultivam basicamente milho e feijão acompanhado da criação de bovídea. Nessa área encontra-se também a maior parte dos cultivos florestais, representados pelos grandes maciços como também mais um componente dos sistemas de produção das pequenas propriedades.



Fonte: VIDAL, M.I Vista parcial Sertão de Cima – 2008.

A monocultura do pinus foi à alternativa encontrada pelos gestores para o desenvolvimento da região devido o solo pobre. Somente com uma agricultura tecnificada, com práticas conservacionistas e usos de adubos e corretivos esses solos podem ser bastante aproveitado e apresentarem bons rendimentos. Implicaria em políticas públicas para auxiliar os pequenos produtores, pois, “acredita que ações sociais bem formuladas e implementadas por um aparelho estatal equipado e competente pode fazer diferença”. (CUNHA, 2003, p. 36).



Fonte: VIDAL, M.I Vista parcial Sertão de Cima – 2008.

A cultura dos sujeitos está relacionada as suas origens caboclas

Estranhos aos costumes dos imigrantes europeus que influíram na cultura e nas tradições do povo brasileiro se mantiveram em cultura de subsistência, a margem do progresso, pouco se interessando pelos acontecimentos que se acentuavam

em outras regiões. [...] o preparo da roça de subsistência, a criação de animais, a construção de habitações geralmente de duas águas, feitas de taipa ou de madeira lascada do pinheiro em chão de barro batido, com cobertura de tabuinha ou de sapé, ainda permanecem em alguns grupos da região do Sertão de Cima. É comum o casamento entre parentes próximos, de primeiro e segundo graus que os denuncia pelo grande número de pessoas com o mesmo nome de família e vivendo geralmente no mesmo bairro. (ARTX, 2000, p.5)



Fonte: VIDAL, M. I. Casas no Sertão de Cima - 2008.

Análise e discussão das representações sociais e percepções dos jovens.

As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente construída e partilhada ao longo do tempo em um determinado espaço, norteado para “a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal” (JODELET apud SÁ, 1995, p. 32). Segundo Moscovici (2003, p. 37), as representações sociais

são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.

São nas representações sociais que estão enraizadas as ideologias, as concepções de mundo, os juízos de valor. As percepções e o ponto de vista dos sujeitos sobre um determinado objeto ou situação vivenciada no cotidiano.

Para investigar esses conhecimentos que circulam no dia-a-dia através da comunicação entre indivíduos, gerando informações é necessário um certo período de tempo para conviver com esses sujeitos e implica um certo desafio

está sempre trabalhando o homem como sujeito-objeto, pois os meios de obter informação exercem influência sobre o sujeito que a fornece, mas não pode deixar de reificar metodologicamente esse sujeito na pesquisa empírica, para conhecer o que pensa, sente e faz. (SAWAIA, 1995, p. 73-74).

A pesquisa foi desenvolvida com jovens entre 17 e 18 anos que estavam concluindo o ensino médio, por considerar essa fase de idade um período de decisão para esses jovens. Ao terminar o ensino médio e entrar na maioridade, entram em um futuro incerto, o que fazer? Para onde ir? Continuar no campo com a família ou mudar para a cidade? Trabalhar onde? Continuar os estudos ou ajudar a família? Nesse período são tantas incertezas, é um momento de transição, por esse fato resolveu-se desenvolver a pesquisa com esses jovens.

Relação entre elementos objetivos e subjetivos presentes na vida dos jovens.

- 100% dos pais com ensino fundamental incompleto.
- Renda mensal da família até 2 salários mínimos. Somente 20% das mães trabalham fora.
- 20% dos pais são agricultor, 30% tem outras atividades como: motorista e nos fornos de carvão; 50% trabalham na silvicultura.
- 80% encontram dificuldade para chegar até a escola devido as condições das estradas e a precariedade do transporte escolar.
- 10% já moraram na cidade e 40% das famílias pretendem mudar para a cidade.
- 90% querem continuar os estudos após o término do Ensino Médio, 60% recebem incentivo dos familiares para continuar estudando e 90% recebem incentivo dos professores.
- 80% mantêm-se informados através do rádio e da TV, 20% através de professores e amigos.
- 60% dos alunos já sofreram alguma forma de preconceito por morar no meio rural.

Percebe-se que continua atualmente o estereótipo do camponês como diferente e inferior:

“Quando fomos jogá na cidade, tinha uma torcida que gritava quando a gente tava jogando, índio do sertão, só porque moramos no Sertão eles se acham que são diferente de nós, mas somos iguais.”(AMS)

“Quem mora em cidades se acham mais inteligente, e nos tornam mais inferiores que eles. Me senti um pouco decepcionada, mas o que importa é ser valorizada pelo meu bom comportamento e tem coisas que temos que ignorar. Só assim conseguiremos um pouco de sucesso no futuro.”(AMB)

Esse preconceito ao camponês ocorre devido ao “homem urbano ter uma cultura técnica e industrial pretensamente mais evoluída, sente-se superior, caricaturando-o como atrasado e colocando-o em espetáculos pitorescos de inferioridade” (LABRIOLA, apud PRÊMIO CRIANÇA, 2002, p. 23).

É como se estivássemos vivendo no início do século passado, onde em um discurso, Olavo Bilac se referiu aos homens que habitavam no campo da seguinte forma, de acordo com Garcia (2006, p. 23):

Os indivíduos que habitavam os sertões viviam a vegetar como qualquer ser irracional. Nos rudes sertões onde os homens não são brasileiros, nem ao menos são verdadeiros homens: são viventes sem alma criadora e livre, como feras, como insetos, como as árvores. (BILAC apud GARCIA, 2006, p. 23).

Essa forma depreciativa de ver o homem que no vive no meio rural, enraizada no imaginário das pessoas faz com que os camponeses sintam vergonha do que são, como podemos observar no depoimento seguinte:

“Quando me perguntam onde moro, eu não conto que é no sertão, falo que é na cidade. Quando a gente fala que é no Sertão eles pensão que é um lugar devastado e as pessoas que moram aqui são uns bobos, são diferentes, eu não conto que moro aqui. O problema é a fala, o r arrastado.”(LMP)

Surge a necessidade de resgatar os valores e cultura de quem vive no campo. Ver o campo como “território social e cultural dinâmico, como lugar de produção de vida, trabalho, cultura, saberes e valores” (ARROYO, 2006, p. 10). A população rural estabelece com a urbana:

a mesma relação que os países subdesenvolvidos com os desenvolvidos. Desde o nosso mito de origem e colonização, ficamos submetidos a uma condição de inferioridade que continua sendo atuada e mantida historicamente, para garantir diferenças econômicas, sociais e políticas. Somos aos olhos e ações do primeiro mundo, os subdesenvolvidos, os ignorantes ou incultos, os improdutivos, os coitados, os atrasados. Somos os pobres, os depositários da função inferior da América...Acontece que acolhemos em nós esta desigualdade. Um estereótipo do qual é difícil se desfazer. (LABRIOLA apud PRÊMIO CRIANÇA, 2002. p.23).

Com as mudanças decorrentes no espaço rural nas últimas décadas, o rural passou a ser considerado para alguns em via extinção. Isso não está ocorrendo, pois começa a emergir uma nova ruralidade. Onde:

O fim das sociedades rurais não significa o fim do rural, assiste-se nas sociedades modernas, a um processo de recomposição do rural e da emergência de uma nova ruralidade. [...] Afirma a necessidade de uma nova abordagem que considere a substituição do enfoque clássico, centrado nas sociedades rurais tradicionais, e conceba o espaço rural como um espaço singular. (WANDERLEY, 2000, p. 129).

Nessa perspectiva, Kaiser se refere ao espaço rural como:

como um modo particular de utilização do espaço e de vida social. [...] a compreensão dos contornos, das especificidades e das representações deste espaço rural, entendido, ao mesmo tempo, como espaço físicos (referência a ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidade do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade). (KAISER apud WANDERLEY, 2000, p. 88).

Essa mudança no espaço rural, pode contribuir para amenizar e mais tarde talvez até acabar com o estereótipo do camponês de atrasado e tantos outros termos depreciativos que fere a dignidade humana. São sujeitos produtores de saberes com suas perspectivas, ideologias e

concepções de mundo como observa a seguir através das respostas dos jovens quando questionados sobre a relação campo-cidade, suas vantagens e desvantagens.

“O local onde a gente reside é melhor porque a gente pode plantar muitas coisas e na cidade tem que pagar água, mas no campo não precisa. A desvantagem é não ter acesso a internet.”(AMV)

“É um lugar tranquilo, mas tudo é bem mais difícil. Na cidade tem mais oportunidade de trabalho.”(SEB)

“Menas violência, podemos cultivar plantas e verduras e que falta é atendimento médico.”(ACZ)

“ A cidade é melhor porque você tem acesso a mais coisas.” (CZX)

“Eu acho que a cidade é pior, porque lá encontra mais dificuldade de sobrevivência, principalmente por motivo de trabalho.”(QRA)

“Aqui as pessoas se ajudam, todos se conhecem, na cidade não tem dessas coisas. Só falta oportunidade de emprego.” (SWA)

“Na cidade encontramos oportunidades que não tem aqui, cursos técnicos e trabalhos.” (SMX)

“Na cidade é melhor para alcançar objetivos, no campo é bom de se viver a desvantagem é o pouco acesso as coisas novas.” (LTZ)

A desvantagem em viver no campo está relacionada à falta de oportunidades de emprego, de continuar os estudos, o difícil acesso de bens de serviços e consumo, a marginalização do espaço rural. O campo pode ser um bom local para se viver se for investido em infra-estrutura. Percebe que os seus sujeitos têm uma identidade com o local, com a terra como produção de vida e de existência.

Os jovens dão grande importância à educação formal, valoriza o conhecimento adquirido na escola, veem na educação escolar a oportunidade de melhorar de vida, de poder arrumar um emprego. Como podemos ver nesses comentários:

“Eu pretendo continuar estudando para ter um futuro melhor”(DKL)

“Até para arrumar emprego é mais fácil.”(MPO)

“Hoje o mercado de trabalho exige muita capacitação profissional.”(SVA)

Mas para os jovens continuarem estudando precisam mudar para a cidade e isso gera um impasse no ambiente familiar. Uns encontram apoio dos pais, outros não. Muitos pais gostariam

que os filhos estudassem mais não tem condições de arcar com as despesas financeiras que implica em mudar do campo para a cidade. Outros precisam da mão-de-obra dos filhos na lavoura ou na silvicultura para ajudar na renda da família. Sendo possível constatar no comentário de um pai:

“Eu queria que o meu fio continuasse estudano, mais a gente não tem condição prá isso. Era bom se tivesse uns cursos aqui mesmo.” (MNO)

A mudança para a cidade não é defendida com muita ênfase pelos adultos pois tem consciência que para arrumar um emprego precisa ter estudo e eles têm somente o fundamental incompleto. Isso é um fator que faz com que permaneçam no campo. Além destes cursos de Alfabetização de Jovens e Adultos e outros cursos que viabilizam a aprendizagem dessas pessoas não evoluem na comunidade.

Começam e acabam antes da data prevista por falta de pessoas, os que começam acabam desistindo, ainda não ocorreu uma experiência bem sucedida no local, desistem com o argumento que:

“A gente tá véio não aprende mais, já tamo com a cabeça dura”. (SMT)

A evasão escolar está relacionada a um fator cultural como podemos observar na fala.

“As meninas são estudiosas, interessadas em aprender, mas as mães não deixam vir mais para a escola por achar que as meninas vão começar a namorar e depois ainda acabam ficando grávidas, não sei o que fazer para convencer essas mães e deixarem as meninas voltar a freqüentar a escola.” (PFA)

As meninas recebem das mães incentivo para o casamento desde cedo.

“É difícil a menina que termina o ensino médio e a mãe deixa continuar os estudos..”(SLO)

Conclusões

O difícil acesso a bens de serviço e consumo conjugado com fatores históricos, culturais, caracterizam a particularidade do espaço geográfico e a condição de vida das pessoas e de suas relações sociais. Numa localidade na qual a silvicultura vem aumentando e sufocando os camponeses e os pequenos proprietários pela diminuição de suas terras, mas, ao mesmo tempo, é

uma alternativa para o aumento da renda das famílias, empregando mão-de-obra temporária e permanente.

Para a maior parte das pessoas ouvidas a cidade não é vista como alternativa para uma vida melhor, mais digna, mas sim como o lugar do progresso, do avanço científico e tecnológico do qual se vêem excluídos, marginalizados. Os adultos têm consciência da importância do conhecimento institucional para a melhoria de vida, principalmente se a pessoa pretende mudar para um centro urbano. Assim, como a maioria é semi-analfabeta, observa-se que não se defende mais com entusiasmo a mudança para a cidade.

Os jovens não querem sair do campo, deixar suas famílias para se aventurarem nas cidades, mas a falta de emprego e a renda da família fazem com que saiam em busca de alternativas. Sentem-se desvalorizados pela sociedade e isto fica explícito na cultura dos citadinos de achar que o homem do campo é ingênuo, atrasado, fácil de ser enganado. Na vida concreta, são excluídos pelos órgãos públicos, pela falta de serviços básicos na região como saúde, transporte, telefone. A grande maioria da população não tem acesso ao telefone um serviço indispensável nos dias atuais. Observa-se uma despreocupação dos gestores com a sorte dessa população pela ausência de políticas públicas que valorizem a cultura local, os saberes da comunidade e proporcione oportunidade dos jovens permanecerem no campo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. A educação básica e o movimento social do campo. In: _____.; CALDART, R.S.; MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

ARXT, J. **Jaguariaíva**: do tropeirismo aos dias atuais. Jaguariaíva: PMJ, 2000.

CUNHA, L. A. G. **Desenvolvimento rural e desenvolvimento territorial**: o caso do Paraná Tradicional. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Agricultura) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

GARCIA, E. M. S. **A educação do homem do campo (1920-1940)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2006.

IBGE Cidades. Disponível em: < <http://www.ibge.com.br/cidades> >. Acesso em: 16 set. 2008.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. 31 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

IPARDES. **Caderno do município de Jaguariaíva**. (2007). Disponível em: < <http://www.ipardes.gov.br/> >. Acesso em: 20 jun. 2008.

KOZEL, S. As representações no geográfico. In: KOZEL, S.; MENDONÇA, F. **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.

LABRIOLA, I. Do analista-caipira ao caipira-analista. In: **A colheita da Fazenda Escola Fundamar**: uma experiência premiada da Educação Infantil no campo. São Paulo: Prêmio Criança, 2002.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SAWAIA, B. B. Representação e ideologia: o encontro desfetichizador. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VIDAL, M. I. **As representações sócias na educação do campo, no município de Jaguariaíva – PR**. Monografia (Licenciatura em Geografia) Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

WANDERLEY, M. N. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedades e Agricultura**, 15, p. 87-145, out. 2000.